

02-08-2022

A VOZ DE DEUS

Domitilo de Andrade

[Poeta e Cordelista]

Em minha primeira viagem a Jerusalém, bem depois de ter ido ao Vaticano e à Meca, comecei a duvidar de que eu ouviria a voz.

Eu que já tinha ido, no Brasil, às mais diversas manifestações religiosas, com seus maravilhosos matizes, cultura pra ninguém botar defeito, duvidava de Deus. Quando criança era levado por meus pais a igrejas católicas, sinagogas e terreiros de umbanda.

Os amigos de meu pai e minha mãe eram sincrético-ecumênicos.

A família idem. Minha mãe meio católica meio espírita me levava na Igreja de Sant'Anna. Queria que eu fizesse a primeira comunhão. Mas, ao mesmo tempo, nas noites de frio acinzentadas da sala de minha casa, ela me chamava pra botar o dedo no copo, enquanto ele (o copo) corria buscando freneticamente as letras do alfabeto. As letras eram escritas em papelão do tamanho de um maço de cigarros. O copo e nossos dedos buscavam a mensagem do além. Algum espírito amigo, quem sabe minha avó com algum elogio. Alguém que não lembro anotava a mensagem kardecista de apoio e conforto, e depois lia. Geralmente todos choravam.

Ao lado da mesa meu pai dava gargalhadas. Lembro de uma noite. Mensagem de meu avô. Silêncio. Não era pra mim. Meu avô, viúvo, casou com uma adolescente judia que trabalhava com ele na oficina. Daí minhas visitas à Sinagoga. O recado de meu avô para a Sara dizia: TE AMO. Meu pai não riu. Às vezes minha mãe me levava na Pavuna ou a São João de Meriti, não lembro bem, na casa dos parentes da mulher do meu tio, irmão de meu pai.

Lembro apenas que era um terreiro de macumba. Tio João, o chefe, eu lembro bem dele. Se fosse vivo deveria ter hoje uns 150 anos. Era um lugar bacana. Era mais arejado que a mesa da sala da minha casa. Minha 1ª comunhão foi pro espaço quando meu pai descobriu que o Padre João tinha o bolso da batina furado.

Pra comungar tinha que enfiar a mão no bolso dele pra pegar balinha... Nessa altura do campeonato eu já lia o Tesouro da Juventude e lá eu li que existiam mais religiões no mundo do que pessoas que lutavam contra as guerras. Fui crescendo e descobri que minha primeira namorada de casar recebia santo.

Cosme e Damião pra ser preciso. Não sei se umbanda ou candomblé, só sei que a primeira e última vez que fui vê-la em ação fiquei muito assustado. Ela já não era mais ela e eu já não era mais eu. Foi aí que comecei a querer conversar com Deus.

Mas diante do mistério, eu pensava: como será a voz de Deus?

Como vou ter certeza de que é Ele que está falando comigo?

Já na Faculdade, namorei uma evangélica - batista - pra ser mais preciso. Uma única vez fui à Igreja dela. O ambiente festivo e musical me deixou à vontade, mas não tive a chance de voltar.

Ela me constrangia de tanto me deixar à vontade nas horas dedicadas aos jogos de amor. Eu já era um universitário mas era um aprendiz nessas coisas. Logo ela me dispensou.

Os anos se passaram. Vi o desfile de encapuzados na Semana Santa na Espanha, na cidade de Huelva, perto de Sevilha, depois vi algo parecido na cidade velha de Goiás, terra de Cora Coralina.

Folia de Reis no interior de Minas Gerais vi muitas. Cavalhada em Pirenópolis/Goiás, ritual hindu com harpa e tudo em Alto Paraíso/Goiás, festa quilombola no Rio de Janeiro, missa ecumênica em Salvador Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Sempre eu me perguntava: como será a voz de Deus pra entender essa barafunda? Voltei a Salvador, peguei um táxi e pedi que me levasse no terreiro de Menininha do Gantois. Ele não sabia onde era, me levou num outro terreiro em que fiquei dez minutos.

Quase gritei: Deus, como saber que é você que fala comigo se não sei como é sua voz? Em Meca, quando acompanhei a multidão e me abaixei, logo pensei no Estado Islâmico e pensei: logo vão descobrir que sou um estranho no ninho e vão me decapitar. Fui. No Círio de Nazaré, em Belém, tentei pegar na corda.

Amassado entre dois milhões de pessoas quem disse que eu consegui? Cheguei perto mas ao meu lado havia um maluco dando soco e uma mulher desmaiada sendo levada pelos guardiões.

Tirei o time. No caminho de Santiago furei o pneu da bicicleta.

Foi um perrengue. Deus fale comigo, eu clamava.

Mas aí eu emendava: me prove que é você, como é a sua voz? Aparecida, a padroeira, em São Paulo, e Trindade, em Goiás, faz muito barulho não dá nem pra ouvir a pessoa que está do lado.

Como ouvir Deus? Nos rituais das tribos indígenas que assisti foi onde cheguei mais perto. Eu não ouvi a sua voz, mas senti Ele em mim. Achei que estava perto e estava mesmo. E depois....

Depois de muito peregrinar, descobri, finalmente,
a voz de Deus: **NAT KING COLE**.

Hoje converso com Deus sempre que tenho saudades.

Ele não faz perguntas, nem eu.

Primeiro o ouço me ensinando a sorrir

<https://www.youtube.com/watch?v=zwLD8Bq29Nw>

Depois ouço Ele dentro. Ouça Deus comigo...

<https://www.ouvirmusica.com.br/nat-king-cole/>

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.